

Nos confins do mato adentro. Por Juliana Fernandes Gontijo.

Naquela véspera de feriado, Josevaldo deu carona para Floriano enquanto faria uma entrega de mantimentos num povoado distante na Bahia.

Os dois eram amigos de infância, mas, por muitos anos, Josevaldo ficou distante devido ao trabalho de caminhoneiro. Floriano estranhou ver que o amigo estava com dois celulares dual chip, além de o veículo ser rastreado por satélite.

- Quê isso, vei! Pra quê tanta tecnologia?

- Num vai imaginá o que me aconteceu há uns 10 ano...

- Então conta!

- Eu trabalhei muito tempo com transporte de vários produtos. Ia e vinha todos de povoados distantes no interior onde as empresas chamam de bioflorestas.

- Sério?

- Eu tinha um caminhão médio, mas que me servia muito bem. Fiquei com ele por 12 anos.

- Dava boa manutenção?

- Sim, claro... Bem, a empresa me programou uma viagem de transporte de 150 sacas de milho para uma comunidade de uns 300 habitantes. Percurso tranquilo, segundo o gerente de logística. Então, eu sabia que, no mesmo dia, eu estaria de volta à firma. "É naquela biofloresta, você já foi lá ano passado", disse meu chefe.

- Então cê num preocupou, né? Ainda mais cê que tem memória fotográfica.

- Verdade. Naquela época, o GPS já não funcionava muito bem, mas garrei com São Cristóvão. Finquei o pé no acelerador e "piquei a mula" para os confins do mato adentro.

- Resume aí, vei! Por que esses dois celular e o rastreamento?

- Escuta! Pouco antes da sair da empresa (a previsão seria até o horário de almoço), o setor da remessa disse que faltavam 30 sacas das 150.

- E aí?

- Eu tinha que esperar umas 2 horas para chegar o restante, mas houve um bloqueio por causa de uma obra na estrada e a carga só veio quase 3 da tarde.

- Eu disse ao gerente que se eu "fincasse" o pé, dava pra chegar. "Então, vai com Deus", disse ele. Assim, fui.

- Dava mesmo?

- Daria, mas fiquei preso em outro bloqueio. Acidente com uma bitrem que virou na pista.

- Eita! O urubu quando está cagado, o de baixo breia o de cima e ainda esparrama no do lado!...

- Se é! Quando consegui chegar na região da biofloresta já eram umas 6 da tarde. A estrada era boa; julguei que desse tempo.

- E você não pensou em voltar?

- "Fui na fé"! Eu tinha um lanche. Qualquer coisa, eu ficava no povoado, já que uns chegados meus moram lá.

- Hum...

- Andei umas quatro quadras no retão da Propriedade "Pasto das Araras", lembra dela?

- Sim, muito grande!

- Mas eu não encontrei a placa do Morro Alto. Naquelas "alturas", o GPS já estava meio "doido". Manobrei o caminhão e voltei uma quadra. Lembrei de um pé de tamarindo bem alto que tinha na esquina da quadra, onde eu deveria ter entrado. Segui adiante.

- Era lá mesmo?

- Peguei o mapa de papel, né? Estava meio escuro, mas mostrava que era por ali...

- Já vi tudo!

- Continuei seguindo. Parei um motoqueiro, ele disse que não sabia onde era o Morro Alto. Quando deu umas 8 e meia da noite, eu vi que estava andado em círculos, ou melhor em quadrados, havia mais de 1 hora.

- Como é que pode?

- Passou um carro e não parou com a minha buzina. Depois, a viatura da polícia se mandou "chutada com o giroflex ligado" atrás dele.

- Nem a polícia?

- Devia ter problema mais importante pra resolver.

- Na certa, o carro que passou devia ser de bandido! Olha o livramento!

- Pensei que o jeito era ficar ali até o dia seguinte e seguir viagem de manhã cedo. O lanche daria para a noite. As necessidades, no mato.

- E no outro dia?

- Acordei não sei lá que horas. A bateria do celular havia acabado. Eu não imaginei que fosse demorar tanto, né não? Voltei ao GPS e ele não “dava” sinal e muito menos as horas.
 - Olha o urubu outra vez. Vei, cê devia ter ficado em casa.
 - Bom, era dia, alguém chegaria de carro ou moto. E não cruzou ali uma alma viva. Pela direção do sol, já passava de 1 da tarde. O lanche havia acabado. Bateu uma dor de barriga com a maionese do pão. Catei um pano velho no caminhão, fui para o mato. Cê entendeu, né, Floriano? O intestino estava bem ruim, mas continuei seguindo o mapa de papel.
 - Falta de sorte, hein, amigo?
 - Não é nem a metade...
 - Vixi!!!!
 - Já estava dando mais de 24 na biofloresta, porque anoiteceu e não conseguia voltar para estrada, nem avistar qualquer povoado perto. Só eucalipto a perder de vista. A fome apertava. A água do reservatório estava no último meio litro.
 - Credo!
 - Garrei com o santo, rezei e fui tentar dormir. Acho que, na verdade, eu desmaiei de fome.
 - Tá brincando, Zevaldo.
 - Cê que pensa. Acordei no outro dia, já estava anoitecendo. Eu não acreditava que eu tivesse dormido quase um dia inteiro. Entrei em desespero com a fome, perda de tempo, vomitei quase água porque não tinha mais nada no estômago e o resto, eu tinha “desovado” no dia anterior. Andei mais uns 10 km pelo velocímetro e nada de encontrar um casebre pra pedir ajuda, nem a estrada. Anoiteceu outra vez.
 - Não sei como você está vivo aqui, vei...
 - Dormi por um tempo e, de repente, acordei com um chacoalhar no caminhão. Pensei: alguém me achou. Graças a Deus!
 - Foi mesmo?
 - Abri a janela do carona e vi uma onça parda enorme, batendo na carroceria. Liguei correndo os faróis para espantar o bicho. Quando olho do meu lado, outra estava na janela “do volante” com metade da pata dentro do caminhão. Esqueci o vidro aberto. Por pouco, não mordeu a minha cabeça.
 - O quê? Parece até piada! Mas você, hein? Estava com calor, seu doido?
 - Eu disparei a gritar, tentando empurrar com um toco a pata para fora. Não queria machucar o bicho, claro. Disparei a buzina e o pisca alerta. Ela assustou e saiu, mas a outra continuava chacoalhando a carroceria. Foi um sufoco. Custei a me livrar das duas sem passar a roda por cima delas.
 - Isso só pode ser estória de pescador.
 - Quem me dera fosse. Arranquei o caminhão. Achei a primeira esquina e virei novamente; depois, mais duas à direita. Fechei as janelas e desmaiei de fome de novo. Estava muito fraco. O dia amanheceu e nada de encontrar alguém. Tentei sair do caminhão, mas eu não consegui. Peguei o último copo de água. Eu devia estar com febre, fome e desidratado.
 - Zevaldo, por pouco, você morria...
 - Apaguei de novo e, quando acordei muito tonto e sem saber das horas, uma enfermeira media a minha pressão e escutava o coração enquanto perguntava meu nome. Só falei assim: abre o meu porta-luvas que os documentos estão lá dentro, mas pelo amor de Deus, mande essas onças embora. Tenho que entregar as sacas de milho.
 - E o que ela respondeu? Dá vontade de rir, né?
 - Está delirando. Há 3 dias, procurando o senhor. Vamos te colocar no soro e levar de ambulância para o hospital da cidade. O médico da empresa onde trabalha vai te dar assistência lá, certo? Um motorista substituto vai levar a carga.
 - Então os celulares e o rastreamento desse caminhão... é por isso?
 - Só? Você ainda pergunta? É claro! Depois de saber que imprimiram o mapa de cabeça para baixo, a árvore não era de tamarindo e eu deveria ter seguido 5 km a mais no asfalto para entrar nas reservas de eucalipto, eu precisei fazer isso para ficar fácil se me perder de novo, né não?
 - Jesus!
 - Ninguém acreditou na história das onças. Acho que nem você! Mas só eu sei o que passei indo pra Morro Alto. Eu acordei com dois bichos enormes chacoalhando o caminhão. Não sei como não virei comida de onça, se ela tivesse conseguido abrir a porta ou quebrado a janela...
 - O seguro morreu de velho, né, Zevaldo?
 - Pode acreditar que sim, meu amigo, pode acreditar que sim!
-